

NOS CAMINHOS DA F(É)STA: sentidos sagrados e profanos da Festa do Congado em Catalão-GO

Cairo Mohamad Ibrahim Katrib*

RESUMO

O Congado da cidade de Catalão-GO, localizada na região sudeste do estado de Goiás, inserido no contexto das comemorações em louvor a Nossa Senhora do Rosário, é o que procuro analisar aqui percebendo como essa prática cultural foi sendo recriada no cotidiano dos congadeiros para continuar existindo e persistindo até os dias de hoje como parte fundante da cultura do município, sendo uma das maiores comemorações de cunho festivo-devocional do interior do país. Nele, a partir do uso da memória e da oralidade, procuro recompor as histórias vividas, sentidas, os pertencimentos, as rupturas, os valores e todos os significados sagrados e profanos partilhados, principalmente pelas famílias congadeiras que mantêm viva a prática do Congado como sinônimo de vida, de fé e de festa.

Palavras-Chave: Festa - Congado – Sagrado/ Profano

ABSTRACT

the Congado in the city of Catalão-GO, located in the southeast region of the state of Goiás inserted in context with the celebration of praise of Our Lady of the Rosary, where we tried to analyze how this cultural practice has been recreated from the daily life of the congadeiros to continue being and persisting up until today as a pillar of the local culture, being one of the most important celebrations of festive-devotional manner in the interior of the country. In it, taken from the use of memory and orally, the stories that have been lived are reconstructed, felt, mainly, by the families of the congadeiros the keep the practice of the Congado as a synonym of life, of faith and festivity.

Key Words: Festival – Congado – Sacred /Profane

As histórias compartilhadas pelos praticantes do Congado nesses mais de 130 anos de comemoração se recriaram continuamente, no ir e vir da memória, deixando marcas significativas em suas vidas. Muitas delas sentidas de forma muito intensa, movidas pela dor, pelas incertezas e, sobretudo, pela esperança de conseguir superar as agruras vivenciadas.

Dentro dessa perspectiva, durante os anos de pesquisa destinados ao tema percebi que muitas histórias do Congado se encontravam ainda presentes na memória dos praticantes sendo marco de um recomeço, de uma nova trajetória de fé e comemoração, dentre as quais muitos acontecimentos se firmaram como marca histórica interligando o sentir sagrado ao festivo.

O intuito deste artigo é refletir sobre os vários sentidos assumidos pelas comemorações do Rosário em Catalão-GO, na tentativa de perceber como eles foram

* Docente do curso de História da Universidade Federal de Uberlândia/Campus do Pontal. Doutor em História pela Universidade de Brasília – UNB; Mestre em História – UFU. Vice-Coordenador do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros – NEAB/UFU. cairo@pontal.ufu.br

recriados, principalmente por parte de seus praticantes. São eles, que percebem a Festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário como espaço de materialização de sua fé, de sua religiosidade; como ruptura do cotidiano; sinônimo de vida e alegria; de reencontro com a sua ancestralidade e de atualização da memória coletiva.

Essa miríade de significados revela uma realidade social propiciadora da recriação da vida cultural daqueles que a vivenciam em seu dia-a-dia o festar e o rezar. Esses sentidos me direcionaram para uma compreensão da festa inserida no contexto teórico cujas referências conceituais da História cultural e da Cultura Popular, possibilitam uma análise crítica segura e substancialmente fundamentada. Mesmo sendo a Cultura Popular de difícil definição compreendo-a viva e em constante transformação, parte fundamental do processo histórico. São esses aspectos que me permitem pensá-la como veículo de sociabilidade ancorados às diversas formas de interação dos sujeitos com suas práticas culturais, religiosas, sociais e, assim, pensá-la colada ao social e como parte fundante da cultura dos sujeitos sociais, não esquecendo que:

Se cultura é um modo específico de ver, sentir e representar o mundo em que se vive, para estudar as suas formas de representações culturais é preciso, antes de mais nada, penetrar pelo interior de uma determinada realidade social, desvendar a lógica de como essas representações foram construídas e apresentam-se ao público – o que pode estar presente nos gestos, na linguagem, nos seus referenciais de mundo, nas suas práticas cotidianas de trabalho, de lazer e religiosidade. (MACHADO, 2002: 336).

Nesse viés as colocações de Geertz (1987), me permitiram pensar o homem interligado ao todo social e, por isso, ser percebido e analisado envolto em teias de significados das quais ele mesmo é o criador. Tentando com isso compreender que os atores sociais são produtos de sua própria história; da história dos grupos sociais.

Pois bem afirma Geertz:

A cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é contexto e se efetiva nele, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível [...] (GEERTZ, 1987:14).

Geertz enfatiza bem que a cultura não deve ser percebida como apenas inserida num sistema de padronização complexo de comportamentos. A cultura, na sua visão, ancora-se num conjunto dinâmico de mecanismos de controle, como regras, planos, instruções, a partir dos quais é possível governar e ordenar o comportamento humano. Dessa forma, pensar a cultura pela ótica de Geertz é tentar compreendê-la interligada ao pensamento humano e à dinâmica construída em torno

dela pelos grupos sociais, incorporando outros símbolos significantes, uma vez que “sistemas de símbolos significantes [...] não é apenas um ornamento da existência humana, mas uma condição essencial para ela - a principal base de sua especificidade”. (GEERTZ, 1987:57).

A partir dessa lógica o estabelecimento de uma reflexão com a linguagem congadeira é profícua, uma vez que a percebendo como expressão cultural corporificada à memória e às lembranças alimentadas pela/na recriação de sentidos coletivos e individuais da festa praticada, fortalece vínculos identitários e redimensiona a história a partir das suas vivências e experiências mais comuns. São essas vivências e experiências compartilhadas pelos indivíduos com seus grupos sociais que imprimem à memória essa capacidade de fluência entre o que se viveu, o que se vive e o que se pretende levar adiante como parte de sua história constituinte de sua cultura. E dessa forma que se pode interpretar o universo festivo, repleto de simbologias e significados capazes de fortalecer laços e estreitar relações de sociabilidade (MAFRA, 2006).

É imprescindível compreender que a partir das vivências e experiências obtidas no contexto social o homem projeta novos olhares sobre a sua vida, e, com isso, reelabora o seu contato coletivo com o grupo, se insere na dinâmica da cultura, criando símbolos e estabelecendo vínculos, cujos significados o mantém em comunicação consigo e com a própria sociedade.

Reafirmo que o conceito de cultura é polissêmico e de difícil definição, já que “não existe cultura no singular” (MACHADO, 2002:335). É nessa lógica que considero, aqui, o termo cultura dentro desse leque de possibilidades, sendo um modo específico de ver, sentir e representar o mundo. Uma forma de linguagem que permite aos indivíduos realizarem muitas releituras do contexto social, projetando e descorporificando olhares e redimensionando interpretações acerca das suas vivências e experiências compartilhadas com seu grupo social e fora dele.

Pelo viés de entendimento da cultura no plural, Chartier (1999:11) faz-nos compreendê-la inserida numa dimensão histórica, cuja complexidade social pode se estreitar, a partir de uma prática particular, no caso a Festa em louvor a Virgem do Rosário. Prática essa não inserida num modelo pronto. A projeção do olhar sobre a temática se deu numa outra perspectiva que é o da dinamicidade cultural imbricada às relações sociais tecidas e articuladas de diferentes formas pelos sujeitos sociais.

Ao mergulhar pelos universos de possibilidades interpretativas que a festa proporciona por ser ela uma prática pluralmente significativa e estabelecadora de

redes de sociabilidades e comunicabilidades entendido como processo comunicacional constituído não só pela linguagem oral, como também gestual e simbólica, utilizada pelos sujeitos como forma de comunicação prática, aplicada às comemorações festivas. (BARBERO, 1987). Comunicação capaz de promover a interação social, aproximando os indivíduos e proporcionando, ao mesmo tempo, diferentes formas de ler e interpretar o cotidiano a partir da festa. Assim, a manifestação cultural é também importante momento para que as redes de comunicabilidades sejam traçadas, constituindo linguagens diversas que interliga os indivíduos e as muitas formas de comemoração. Toda a Festa se reordena dentro de um tempo múltiplo e diverso onde as recordações, dos fatos vividos são compartilhadas. Os caminhos da memória congadeira se refaz a partir de cada ato de rememorar ou (re) lembrar dos sujeitos envolvidos com a festividade. Na festa que (re) vivi e, a em louvor a Nossa Senhora do Rosário de Catalão-GO, partilhei com os muitos sujeitos as suas memórias e as suas histórias, notei que ela é importante na medida que produz sentidos que permitem concretizar os processos de sociabilidade.

O tempo da festa é o do relembrar para muitos de seus praticantes, cuja memória é o vínculo primordial que os unem a sua ancestralidade, e a torna viva à luz do tempo presente, incentivando os sujeitos a transitarem entre o passado e o presente. Do envolvimento com os preparativos, as lembranças do passado se materializam e trazem à tona com mais efusão, não só a Festa em si, como a própria vida, os entes queridos que se foram, referência da matriz cultural que impede o desenraizamento e a não alienação enquanto sujeito de sua própria história.

Nesse sentido, compreender como os sujeitos que vivem a Festa do Congado e a devoção ao Rosário em Catalão estabelecendo linguagens próprias de interlocução com a sua ancestralidade, com suas práticas e saberes herdados e como expressam seus sentimentos por meio de uma memória mediadora desse processo de recriação histórica é a linha mestra dessa reflexão. Neste viés, a festa ao mesmo tempo em que é uma fonte que liga os congadeiros as suas raízes ancestrais, os faz interagir com a cultura do outro, une passado e presente, transforma sua relação com o sagrado com sua cultura, resguarda em gestos e falas os sentimentos dos praticantes e redimensiona a reconstrução dos sentidos vividos.

As múltiplas formas de fé, sejam elas as expressas em linguagens rítmicas, contudo, rezada, dançada, não simbolicamente gestualizada, reveladas por imagens ou diferentes formas de sentir e viver cotidianamente as práticas culturais proporcionadas pelos discursos religiosos permitem visualizar uma prática cultural popular que entremeia o sagrado e o

profano, o passado e o presente, os conflitos e as lutas sociais constituindo a possibilidade de reler e compreender uma história de muitas histórias.

É operante dizer que nesses espaços em festa, considerados lugares vividos, são onde as falas dos sujeitos saem da clandestinidade e imprimem suas marcas; é onde ao fluírem tornam-se dissonâncias das impressões cotidianas, materializando sonhos em realidade e recompondo os sentidos do festar em suas vidas. Em alguns momentos, na festa do Congado de Catalão-GO, essas falas emergiram reforçando valores, estabelecendo vínculos e permanências e também proporcionando mudanças, em outros acabaram se ocultando. Quando nessa profusão de gestos e falas, as possibilidades existiram, interferiram nas narrativas transformadas e experimentadas de múltiplas maneiras.

Assim, é pertinente ressaltar que segundo Joutard (1986: 135) “entre lo hablado y lo escrito [...] hay una diferencia por la que se escapan sutilmente la verdad y la vida [...]”. Dessa forma, a condução da trajetória trilhada perpassou pelo universo poroso da transmutação das falas em linguagens que permitiram, ao mesmo tempo, compor e contrapor momentos e situações que me levaram ao entendimento dialógico dessa falas como sonoridades vivas e recondutoras da cultura de um grupo, experimentadas e vivenciadas de diferentes formas pelos sujeitos sociais.

Se para Geertz, o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, a cultura é essa tessitura. Os símbolos culturais movimentam a vida dos indivíduos; e a experiência humana se revela a partir do instante que a sociedade se permite rever-se, inclusive, por suas práticas culturais. Assim, todas essas experiências são produtoras de culturas e traduzem os sentidos atribuídos aos lugares de vivência, ambientes onde os indivíduos usufruem os artefatos culturais tangíveis que ali são criados e assumem múltiplas dimensões simbólicas que ultrapassam os espaços e fronteiras físicas. Por isso, o espaço de materialização dessas práticas culturais ao se edificarem em locais híbridos revelam conflitos, tensões e negociações.

É nesse campo minado que na comemoração em louvor a Nossa Senhora do Rosário de Catalão as falas fluíram e ocorreu a concretização de muitas práticas e saberes cujos discursos ganharam infinitas formas, se edificando em palavra viva, resistindo e persistindo a toda uma ordem instituída que personificou o sentido da própria Festa consumida de acordo com aquilo que cada um almejava.

Entretanto, o ato de experimentar a Festa enquanto o lugar das múltiplas linguagens e absorvê-la como parte fundante de uma cultura ou da cultura do outro, fez-me pensar as

comemorações festivas inseridas dentro de processos ou momentos em que as práticas culturais se produzem mediante o lugar ou nos “entre - lugares”.

[...] Esses “entre - lugares” fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria idéia de sociedade” (BHABHA, 2005:20).

Então, viver a Festa é, também, na minha visão, viver a confluência dos “entre - lugares”, da redescoberta do tempo, das lembranças, das recordações, que propiciam aos sujeitos a redefinir o seu grau de pertencimento, de reescrever sua história e suas memórias nesse lugar cultural, que é histórico. Ademais, por mais que aparentasse existir uma padronização que nivelasse todos os sujeitos na festa do Rosário de Catalão, percebi nitidamente que as expressões de fé, de devoção, de regozijo ou do viver a própria celebração se concretizava de muitas formas, de acordo como cada ator social experimentava, revivia e sentia a comemoração como parte de sua vida e de sua história. Ali se estabeleceu um ritmo próprio, que fez dessa festividade uma miscelânea de momentos de congraçamento e de conflitos.

Se a festa é o espaço do múltiplo, o hibridismo pode ser entendido como sendo um processo de tradução cultural inacabado e segundo Hall ele:

Retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades (HALL, 2005: 88).

Para Homi Bhabha conferir autoridade aos hibridismos culturais – é propiciar aos indivíduos a possibilidade de emersão pelos diferentes momentos de experimentação e de transformação histórica, onde o direito de expressão de cada indivíduo, seja ele minoria ou não, é alimentado pelo poder da reminiscência de se reinscrever através das condições de contingência e contrariedade que presidem sobre as vidas dos que estão na minoria. Então, ao perceber que nas diferentes maneiras de experimentar a Festa os sujeitos estabeleciam vínculos e traduziam os sentidos que os mantinham unidos ou que os distanciavam de/em determinados momentos, notei que isto gerava novas formas de pertencimento e de estranhamento, visto que, para Bhabha:

O fazer-se presente começa porque capta algo do espírito de distanciamento que acompanha a re-colocação do lar no mundo – o estranhamento (unhomeliness) – que é a condição das iniciações extraterritoriais e interculturais” (BHABHA, 2006 ,p. 29).

É desse contexto dialógico que se entrecruzaram as práticas identitárias do Congado de Catalão, que como canal permite aos indivíduos experimentarem a cultura do outro, compará-la a sua e perceberem que ambas possuem especificidades próprias que lhes permitem vivenciá-las atribuindo a elas sentidos e valores próprios.

Nessa trajetória, os congadeiros sentiram e viveram as culturas híbridas e extraíram delas a essência que lhes permitirão dar continuidade à recomposição das suas identidades e das suas pertencas em relação a sua cultura e à cultura do outro. Esta é uma relação de alteridade que permite aos sujeitos desconstruírem o tempo linear, vivenciando a fluidez das temporalidades e espacialidades que envolvem as narrativas de muitas histórias que são compartilhadas no Congado. Assim, entre encontros, desejos, vaidades e fé a Festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário se refaz a cada ano, tendo como cenário permanente a cidade de Catalão. Nesse sentido, as narrativas, mesmo que individualizadas, sobre a Festa apresentam traços culturais significativos construídos mediante uma mediação entre narrativas individuais e práticas coletivas que edificam momentos da vida dos sujeitos no convívio social que conduzem a uma compreensão da realidade pelo viés das vivências e experiências partilhadas e compartilhadas pelos grupos sociais (COSTA, 2001)

Com base nessa visão e nas colocações de Halbwachs (1990), a história das comemorações em louvor a Nossa Senhora do Rosário de Catalão-GO pode ser entendida como atividade da escrita, organizando e unificando, numa totalidade sistematizada, as diferenças e lacunas, começando seu trajeto, justamente, no ponto onde se detém a memória coletiva, estabelecendo vínculos entre os indivíduos e a sociedade, por meio de sentimentos. Assim, se a Festa é memória vivida, presentificada e recriada nas relações dos sujeitos com as festividades, pode-se dizer que ela tem um grande fluido que a mantém integrada às vivências e à história da cidade justamente pela ação da memória, ainda é válido dizer que toda memória é, então, reconstrução, pois ela se projeta e se reintegra ao presente através do ato de (re) lembrar o passado e das experiências vividas.

Dessa forma, a ponte da memória que trouxe o passado da Festa para o tempo das recordações se respalda dentro das percepções de Bosi (1994), pois para ela “o passado conserva-se e atua no presente de forma não homogênea”, posto que a imagem-lembrança que vem e vai, materializa-se na memória do indivíduo e traz à tona as lembranças boas e as ruins sem nenhuma preocupação de selecioná-las e, além do mais, “a narrativa deve ser compreendida como ato de compartilhar memórias, como fala do homem no mundo e sobre o mundo, posto que sobrevive no tempo atual”.(COSTA, 2001, p. 79).

Assim, a efetivação dessa memória não se dá a partir de um tempo cronologicamente contado e recontado, nem tampouco de narrativas estanques, mas sim, dentro de uma temporalidade dinâmica.

Segundo Magalhães (2002, p.03) *o mundo da narrativa é sempre uma experiência temporal. Porém,*

Não existe o tempo, existem práticas, temporalidades. Imagens e conceitos espaciais nos impedem de entender como o tempo pode se materializar em temporalidades na nossa prática cotidiana, comum, mais fundamental que aquela explicativa, analítica, do ‘pensamento entregue a si mesmo’ que, entre outras, poderiam nos conduzir à paralisia pela constatação da inexistência espacial objetiva do tempo. É essa prática que refuta a inexistência do tempo em si. Também é impossível falar da memória nesses termos, ela é infinita, feita de imagens que irrompem, inclusive à nossa revelia. Não chegamos a apreender todo o nosso ser, quando lembramos, algo sempre nos escapa (MAGALHÃES, 2002, p.07).

Nessa perspectiva, a história é:

A construção das possibilidades, sem ela sucumbimos. A presença de desejo move a inquietude transparente de cada dúvida. Ela é o ar da vida e dos sonhos [...] O nosso caos que contempla mares nunca navegados, com uma sofreguidão às vezes tediosa, ou com uma ansiedade incontrolável e assustadora. [...] Viver a vida sem contá-la é um silêncio vazio, nossa morte. Por isso as narrativas são importantes e decisivas. (REZENDE, 2006, p.45).

Portanto, a história da Festa do Rosário de Catalão-GO, ao longo desses anos tem sido recriada a partir de gestos simples, porém representativos, e imbricados de sensibilidades, os quais têm propiciado o desvelar de muitas histórias. A maioria perdida pelos vãos da memória. Histórias escritas por muitas vozes - sejam elas definidoras da multiplicidade étnico-cultural ou das simbologias envolvendo a prática do Congado e do hibridismo em torno da devoção a Nossa Senhora do Rosário, ou ainda, por meio de formas e gestos condutores de narrativas inseridas num universo mítico onde a prática festiva ancestral, a fé, a devoção e a festa atribuem novos contornos para as comemorações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKTHIN, M. A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. 4 ed. São Paulo/Brasília: Hucitec/ Editora da UNB,1999.

BARBERO, Jesus Martin. Procesos de comunicación y matrices de cultura. México: Gustavo Gili, 1987; **GONZALES, Jorge. Más (+) Cultura(s): ensayos sobre realidades**

plurales. México: Consejo Nacional para a Cultura y las Artes, 1994. Disponível em: www.intexto.ufrgs.br/v1n2/a-v1n2a2.html - 54k> Acesso: 21 de maio de 2006.

BURMESTER, Ana Maria de O. **A História Cultural: apontamentos, considerações.** In: Revista Artcultura. Uberlândia: NEHAC/UFU, nº06, 2003.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas.** São Paulo: Edusp, 2000.

CERTEAU, M. de. **A Invenção do cotidiano – Artes do Fazer.** 6 ed., Petrópolis:Vozes, 2001.

CHARTIER, R. **A História cultural: entre práticas e representações.** Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1988.

_____. **“Cultura Popular” revisitando um conceito historiográfico.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro: nº. 16, 8 vol., 1995. p. 179-192.

CUNHA, Maria Clementina Pereira (org). **Carnavais e outras F'r'estas – ensaio de História social da Cultura.** Campinas: Editora da UNICAMP, 2002.

DIAS, Maria Odila Silva. **Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea.** Projeto História, São Paulo, nº. 07 , novembro, 1998.

ESPIG, Márcia Janete. **Limites e possibilidades de uma nova história cultural.** In: LocusJF: EduFGF, nº. 6, 4 vol., 1998. p. 7-18.

GAETA, Maria Aparecida J. Veiga. **A Cultura Popular: polêmicas, aporias e desafios hermeneuticos.** In: Estudos de História. nº. 07, 07 vol., Franca:Unesp, 2000. p. 13-25.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais.** São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

_____. **O queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição.** São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. **Cultura Popular – em busca de um referencial conceitual.** In: Cadernos de História. Uberlândia: Edufu, nº. 05, 1994.

_____. **Cultura Popular: um contínuo refazer de práticas e representações.** In: História e Cultura: Espaços Plurais. Uberlândia: Aspectus, 2002. p. 335-346.

MAFRA, Rennan. **Entre o espetáculo, a festa e a argumentação: mídia, comunicação estratégia e mobilização social.** Belo Horizonte: autêntica, 2006.